

Rosa Maria Sequeira  
Universidade Aberta

## Intertextualidade e interdiscursividade: a relação da literatura com o discurso social a propósito da ideia de identidade cultural portuguesa \*

Sem se confundirem, a intertextualidade pode apresentar relações com o discurso de uma sociedade num dado período, um macrodiscurso composto da pluralidade de discursos, correspondendo aos vários domínios que compõem o tecido social, e que é designado por interdiscursividade.<sup>1</sup> Um exemplo das repercussões, e talvez de influências mútuas destes dois fenómenos, constitui o conceito de identidade cultural.

Quando Richard Handler considera o conceito de «identidade», englobando-o nos mesmos pressupostos epistemológicos de outros conceitos similares, nomeadamente os de “cultura” e “tradição” que, mais recentemente, tendem a ser perspectivados como construções em processo, encara-o como uma construção cultural própria do mundo ocidental moderno ao constatar a sua ocorrência em obras de natureza social e de política cultural que se baseiam em teorias da cultura e sociedade de ideologia nacionalista hegemónica (cf. Handler, 1994: 28). Segundo estas teorias, a identidade das nações e culturas é única e definível por referência a fronteiras espaciais, temporais e culturais, sendo a nacionalidade comum encarada como factor de união e de distinção em relação a outras nacionalidades. Handler refere que o conceito é sobretudo usado na política cultural a propósito, por exemplo, da legislação sobre a língua e preservação de heranças culturais e, apesar de constituir um fenómeno alargado, é muito recente, de acordo com investigações que dão conta da história do conceito e situam apenas nos anos cinquenta o começo do seu uso, tendo-se desenvolvido sobretudo com a experiência da emigração, imigração e americanização (Handler, 1994: 34). Em contrapartida, o sociólogo Boaventura de Sousa Santos atribui-lhe uma maior antiguidade enquanto concepção essencialista ligada ao contexto português (porém nada referindo em relação ao seu uso generalizado que pensamos ser sobretudo a perspectiva adoptada por Handler) - «as culturas nacionais, enquanto substâncias, são uma criação

---

\* Publicado em Sybille Große e Axel Schönberger, *Dulce et decorum est philologiam colere* (edição de homenagem a Dietrich Briesemeister), Berlim: Domus Editoria Europaea, vol. II, pp. 1121-1128

<sup>1</sup> Esta noção é desenvolvida por Cesare Segre a partir da teoria baktiniana e distingue-se da intertextualidade por possuir vários níveis e registos ordenados ideologicamente em vez da relação estrita entre textos literários (cf. Segre 1982: 23-24).

do século XIX» (Santos, 1994: 120) - mas coincide no apontar de uma ideologia hegemónica nos seus pressupostos:

[...] a modernidade deixou que as múltiplas identidades e os respectivos contextos intersubjectivos que a habitavam fossem reduzidos à lealdade terminal ao Estado, uma lealdade omnívora das possíveis lealdades alternativas. [...] A globalização das múltiplas identidades na identidade global do Estado tornou possível pensar uma identidade simétrica do Estado, global e idêntica como ele - a sociedade.

(Santos, 1994: 125)

Obviamente este entendimento vai a par de uma noção de identidade como «um produto histórico de uma tensão entre universalismo e particularismo gerido pelo Estado» (Santos, 1994: 132). De facto, ela é patente no tão debatido tópico da globalização e nacionalismo abordado em relatórios da OCDE. Por um lado, procura-se a autenticidade cultural, o regresso às origens, a necessidade de preservar línguas minoritárias e tradições nacionais. Por outro, desde que a tecnologia das sociedades modernas gerou uma cultura de massas transnacional com a sua linguagem própria, assinala-se a cultura global uniforme, a emergência de mitos supranacionais, a adopção de estilos de vida semelhantes. É a partir do reconhecimento desta tensão que surge a apontada necessidade de uma reanálise das culturas das nações através do questionamento das construções oficiais da cultura nacional, tarefa para a qual Sousa Santos propõe três orientações metodológicas:

A primeira é que, não sendo nenhuma cultura autocontida, os seus limites nunca coincidem com os limites do Estado; o princípio da soberania do Estado nunca teve um correspondente no domínio da cultura. A segunda é que, não sendo autocontida, nenhuma cultura é indiscriminadamente aberta. Tem aberturas específicas, prolongamentos, interpenetrações, interviagens próprias, que afinal são o que de mais próprio há nela. Finalmente, a terceira orientação metodológica é que a cultura de um dado grupo social não é nunca uma essência. É uma autocriação, uma negociação de sentidos que ocorre no sistema mundial e que, como tal, não é compreensível sem a análise da trajectória histórica e da posição desse grupo no sistema mundial.

(Santos, 1994: 130)

Particularizando para o caso português, as aberturas específicas a considerar são, para além da Europa, o Brasil e a África, como factores que engendraram uma certa noção de identidade cultural juntamente com a posição periférica de Portugal no sistema mundial. Sousa Santos parte da hipótese de que é precisamente a forma de fronteira ou zona fronteiriça a determinar o que chama a falta de conteúdo da cultura portuguesa (cf. Santos, 1994: 132). Resumimos os traços principais da sua caracterização:

Segundo Santos, o acentrismo característico da cultura portuguesa se se traduz, por um lado, num défice de diferenciação e identificação de que resultam as apropriações, a *mimesis* cultural, o sincretismo e translocalismo ou a capacidade de se mover entre o local e o transnacional sem passar pelo nacional, e a falta de hegemonia cultural por parte das elites (a antropofagia que Oswald de Andrade atribuía à cultura brasileira pode estender-se, no entender de Sousa Santos, à cultura portuguesa), por outro, traduz-se no cosmopolitismo, no universalismo feito da multiplicação dos localismos e no que chama a «dramatização» e «carnavalização das formas» que revela a identificação com as formas mais do que com os conteúdos dos produtos culturais incorporados (cf. Santos, 1994: 134-135).

Seria demasiada pretensão querer discutir aqui esta caracterização que constitui uma hipótese de trabalho interessante. Em contrapartida, gostaríamos de reter desta perspectiva, em primeiro lugar, a flexibilização do conceito de identidade, que surge antes como construção de uma configuração sem forma rigidamente definida e sem sentido previamente determinado. A identidade é concebida como uma proposta mais do que uma substância, isto é, não como algo que se tem e a que se pode aceder mas como algo que se inventa e constrói. Por outras palavras, o conceito de identidade torna-se uma representação social que assume funções ideológicas e inspira estratégias sociais, isto é, uma “identificação em curso” (id.: 117) que dá conta do carácter transitório, das negociações de sentido e das transformações dos processos de identificação presentes nas identidades culturais. Numa época de fragilização das tradições, este aspecto assume relevância. Em segundo lugar, importa acentuar que o esforço de caracterização por meio do factor cultural parte da incoincidência entre os limites da cultura e os do Estado. Diga-se de passagem que o historiador José Mattoso fala sobretudo de regiões como espaços de carácter «cultural» e é essa organização que preside à repartição e à análise das regiões de Portugal (cf. Mattoso, 1997: 49) embora mais adiante esboce uma caracterização global no que se refere especificamente aos «fenómenos mais facilmente observáveis nas manifestações da cultura letrada, e aparentemente comuns ao conjunto nacional» (id.: 65). Neste sentido, assinala sobretudo a preferência pelo lirismo na literatura portuguesa (ressalvando todavia que a obra que mais influência teve na formação de uma consciência nacional tem um carácter épico, *Os Lusíadas*) e que contrasta com a preferência castelhana pelo drama (id.: 65-66). Mattoso concede que as suas considerações, prolongando reflexões de tipo impressionista, necessitariam de estudos mais aprofundados, pelo que,

fundamentalmente para este investigador, o fenómeno da nacionalidade não tem uma base étnica nem cultural:

De facto, não existe nenhuma realidade étnica ou do âmbito da cultura popular com uma expressão propriamente nacional (isto é que se verifique em todo o território português) senão a identidade da língua. Todas as outras são de âmbito regional.  
(Mattoso, 1997: 77)

É certo que as generalizações de comportamentos individuais observáveis, que se podem considerar derivadas da noção romântica do «espírito do povo» (*Volksgeist*), ao radicarem na natureza e furtando-se à consideração das condições sociais, são extremamente discutíveis por várias razões, nomeadamente a dificuldade de quantificação relacionada com a fórmula «os portugueses são...», a sua formulação dificilmente se desprender de conotações emotivas e, por último, a não menos importante objecção da remissão para o domínio das essências. Todas estas dificuldades têm sido apontadas frequentemente pelos dois investigadores cujo pensamento temos vindo a seguir. A propósito do mito nacionalista, Mattoso associa à busca da essência nas origens as várias teses das origens nacionais, «como todas as construções mentais, essencialistas» (id.: 49-50).<sup>2</sup> Para Boaventura de Sousa Santos, os discursos convencionais sobre a ‘identidade nacional’ ou sobre o ‘carácter nacional’ têm sido construídos pelas elites culturais a partir do que chama o senso comum e escapam a qualquer verificação de âmbito sociológico. A inventariação dos caracteres específicos do povo português, mais visível até meados deste século, é perspectivada (note-se que as ciências sociais só depois de 1974 foram introduzidas na universidade portuguesa) como um processo ilusório, protagonizado por elites culturais de formação literária afastadas das áreas de decisão da política nacional e cultural, através de um «mecanismo de compensação do défice de realidade» (Santos, 1992: 49).

Não pretendendo, em princípio, discutir esta posição, não podemos deixar de nos interrogarmos sobre outras explicações possíveis para o fenómeno, sobretudo ao constatarmos a correspondência além-fronteiras do mesmo tipo de discursos, quer dizer, discursos que remetem para a personificação das nações, que ainda se podem classificar de recentes. A título de exemplo, citamos Lipiansky que vê na personificação da nação o pressuposto mais importante que funciona como condição de possibilidade de

---

<sup>2</sup> Julgamos ser de salientar do conjunto destas teses a de Oliveira Martins por ser reveladora da procura do espírito nacional através de traços psicológicos. Neste sentido podem referir-se o carácter «vago e fugitivo» do génio português, a nobreza do heroísmo lusitano ou o sentimentalismo.

construção do conceito (cf. Lipiansky, 1992: 73). A ressalva do «sentido metafórico» não vem alterar essencialmente a questão.<sup>3</sup> Fundamentalmente por esta razão salientamos a observação pertinente de Mattoso, que remete para a busca (inevitável?) da sociabilização por esta via, e da qual partimos para a nossa reflexão:

Ao deslocar o problema para a questão social, afasta-se a questão ontológica mas não necessariamente a sua permanência ou durabilidade a nível de uma percepção comum já que o fenómeno da identidade não pode deixar de se associar à procura da integração do indivíduo no grupo.

(Mattoso, 1997: 77)

Ora a literatura tem constituído um fundamento importante da memória colectiva e, possivelmente, da ideia de identidade ao reflectir a «procura da percepção comum» e a «integração no grupo», uma busca que, por vezes, se tem exprimido de formas místicas e tem suscitado de modo radical expressões de carácter messiânico em favor do povo português e dos seus alegados destinos universais<sup>4</sup> mas que, outras vezes, pretende demonstrar o peso catatónico que a identificação com figuras de puro estereótipo pode adquirir. Boaventura de Sousa Santos coloca precisamente a cultura na linha da tensão já apontada, uma tensão entre *demos* e *ethnos*, pela qual as identidades contextuais se autoconcebem como multiculturalidades e que motiva o interesse pela cultura nas ciências sociais e a interdisciplinaridade entre ciências sociais e humanidades.

A propósito da ideia de identidade, têm sido pontualmente reafirmadas na literatura, quer as tentativas de definição psicológica, que se podem traduzir, por exemplo, na alegada «brandura de costumes», quer as teorias míticas e messiânicas acerca do destino universal do povo português que abrangem a defesa comum de aspectos que com ele se relacionam, como o universalismo internacionalista, e mais especificamente, movimentos como o Integralismo Lusitano, a Renascença Portuguesa, a Saudade de António Sardinha ou a «filosofia portuguesa».<sup>5</sup>

---

<sup>3</sup> Para Marc Lipiansky a noção de identidade tem um sentido preciso quando se aplica a uma pessoa: designa o facto de que ela constitui uma individualidade singular, diferente de outras individualidades e que permanece ao longo do tempo mas que, aplicada a uma nação, tem um valor metafórico (cf. Lipiansky 1992: 71).

<sup>4</sup> Uma figura como Agostinho da Silva veio mostrar a possível actualização destas manifestações ao tempo e aos conceitos actuais.

<sup>5</sup> Podemos encontrar uma análise detalhada do fenómeno em *Labirinto da Saudade* de Eduardo Lourenço. Pela nossa parte, gostaríamos de acentuar que o Saudosismo, como movimento literário essencialmente poético relacionado com a actividade da Renascença Portuguesa cujo órgão foi a revista a *A Águia* (1910-1932), pode ser considerado tanto de um ponto de vista histórico-literário, como escola ou movimento poético, como também dum ponto de vista histórico-cultural como tentativa de compreensão do que é

Mas a tendência da valorização da essencialidade nacional ultrapassa estes movimentos em que se empenharam os poetas a eles ligados e que se traduz no ensaio caractereológico de Pascoais, *A Arte de Ser Português* (1915), alargando-se a poetas ligados ao grupo da Presença como José Régio. Se as linhas visionárias e proféticas não foram, em geral, a tónica deste grupo, já Régio contribui com a consciência de Portugal que é pátria-eleita da qual lhe advém uma identidade-comunhão. Isto é particularmente notório em «Portugal de todo o mundo» onde o mar proporciona um certo modo de ser, um «mar sou» nas palavras de Pessoa (cf. Pessoa, 1981: 111): «Se canto, é que o mar que entrou / Faz ondas dentro de mim...» (Régio, 1941: 15) e onde, mais adiante, achamos os seguintes versos:

Que meus avós que o mar tem  
 Ressuscitaram em mim  
 Com as suas ânsias de além;  
 E eu, que não era ninguém  
 Sou sem princípio nem fim!

(Régio, 1941: 18)

Mas é sobretudo com Fernando Pessoa e a *Mensagem* que a iconologia é também iconofilia inspirada nos textos de feição profética e messiânica, uma tendência que coexiste na literatura a par da tendência contrária a que António Quadros chama «anti-Mensagem» quando, ao analisar a ideia de Portugal na literatura portuguesa dos últimos 100 anos, detecta precisamente a oscilação entre a iconofilia e a iconoclastia (cf. Quadros, 1989: 191).

Não podendo a literatura deixar de se afirmar contra as normas convencionais, também não pode deixar de dar delas testemunho, ainda que de forma irónica. Assim, no ponto quarto do seu «Aviso a tempo por causa do tempo», António Maria Lisboa declara «que sendo individualmente e portanto abjeccionalmente desligados das normas convencionais, temos o máximo regozijo em ver essas mesmas normas nos componentes da sociedade. Assim delas daremos por vezes testemunho e mesmo ensino» (Lisboa, 1995: 53). Ora este ensino, ou na expressão feliz de António Quadros a «didáctica da portugalidade», a nosso ver também se constrói por meio de uma demarcação da imagem oficial e estereotipada de Portugal e que, de um modo radical, podemos observar na paródia que o Surrealismo português empreende contra o discurso

---

julgado peculiar da cultura portuguesa. A *saudade* constituiria o traço principal e o princípio enformador do ressurgimento nacional, pelo que é possível estabelecer o paralelo com uma nova forma de

político-ideológico dominante nos anos da ditadura, <sup>6</sup> sob a qual, nas palavras do poeta Pedro Oom, «o ar era um vómito e nós seres abjectos». <sup>7</sup> «O país relativo» incluído em *Feira Cabisbaixa* (1965) de Alexandre O`Neill, ao anunciar no primeiro verso um «país por conhecer, por escrever, por ler...», transmite a imagem do «país do eufemismo» e, em simultâneo, do poder vital da linguagem da poesia:

País purista a prosear bonito,  
a versejar tão chique e tão pudico,  
enquanto a língua portuguesa se vai rindo,  
galhofeira, comigo.

(O`Neill, 1990: 243)

António Quadros tende a (des)classificar a poesia iconoclástica como «cegueira intelectual» (Quadros, 1989: 194) condenada a ser uma mera «atitude reflexa, o outro lado da criatividade, a outra face da germinação vital, a expressão de uma putrefacção real» (ibid.), isto é, o contraponto necessário porque dialecticamente «o positivo não existe sem o negativo», apontando quer os riscos da perda de identidade, a «fortuna sófica e axiológica da humanidade», quer os riscos de perda de qualidade estética: «O seu risco é o de uma poetização ácida, hábil, talentosa, mas sem grandeza» (ibid.). Em contrapartida, as palavras de Eduardo Lourenço na obra já citada possuem a compreensão dos intentos de desconstrução e libertação de um certo discurso socio-ideológico, chamando a atenção para o poder subversivo de «imagens, picturais ou poéticas, menos *lusitanistas* no sentido tradicional do termo» que exercem uma «pressão libertária» da imagem místico-nacionalista de Portugal (cf. Lourenço, 1982: 35).

Também no conto, no romance e no teatro modernos se pode verificar a destruição regular de estereótipos. No que se refere, por exemplo, à alegada «brandura de costumes», José Gomes Ferreira no conto sarcástico do mesmo nome inicia a história da expressão:

Certo dia, um deus zombeteiro grudou à pressa estas palavras «brandura dos nossos costumes», despejou-as na tinta das Redacções e pôs-se a esfregar as mãos de

---

sebastianismo, como aliás faz Teixeira de Pascoais, um dos directores da revista e principal doutrinário do movimento juntamente com Leonardo Coimbra e Jaime Cortesão.

<sup>6</sup> Sobre a paródia que carnaliza o modelo oficial do mundo presente na poesia surrealista, veja-se o artigo de Martins, «Surrealismo e interdiscursividade parodística: a ideia de Portugal» (cf. Martins 1996).

<sup>7</sup> Esta citação é retirada dos dados biográficos que acompanham a edição de *Poesia* de António Maria Lisboa elaborados pelo poeta Mário Cesariny.

galhofa quando viu os exploradores do orgulho fácil atirá-las, através dos jornais, para o comércio nacional do lugar-comum, como moedas, tão gostosas, de boca em boca.

(Ferreira, 1972: 207)

O episódio que constitui o conto é a própria busca do verdadeiro significado da alocução:

[...] Dessoramento, fraqueza letal, debilidade, atonia, músculos de algodão em rama? Ou, antes, certo pendor par encolher os ombros diante da tirania e da injustiça, sem outra reacção às ofensas que o espumar de retaliações teóricas, sentindo na boca o espectro da baba longínqua da sagrada sanha de Nuno Álvares e outros defuntos retóricos da nossa gloriosa família comum?

Não sei. Um misto de tudo, talvez, sem lhe faltar o relaxamento, a preguiça e até - porque não? - certa bondade mole vinda lá do fundo da convicção egoísta de que não vale a pena sombrear a vida, já de si tão curta e que, afinal, só o abençoado aborrecimento português consegue tornar morosamente longa.

(Ferreira, 1972: 207-208)

No que se refere ao teatro, podemos citar o ataque ao mito sebastianista que constitui a peça de Natália Correia dedicada a Camões “Erros meus, má fortuna, amor ardente...”. No romance também é notória a revisitação crepuscular do nosso imaginário imperial. Almeida Faria e Agustina Bessa Luís são dois escritores que sistematicamente destroem os mitos viris. A personagem do anti-herói e o regresso ao caos são talvez dois dos traços comuns a estes dois escritores. Especificamente nos dois últimos romances de Almeida Faria, *Cavaleiro Andante* e *O Conquistador*, os heróis são privados de visão redentora e regressam ao ponto de partida após a viagem simbólica que é uma aprendizagem amorosa, cultural e social e que n` *O Conquistador* assume os contornos de uma luta cómica contra as superstições e preconceitos da sociedade portuguesa ao transferir as fracassadas conquistas do território do seu homónimo rei D. Sebastião desaparecido na batalha de Alcácer-Quibir para o campo das conquistas amorosas. *Lusitânia* é um título de um dos romances anteriores do autor que revela o contraste entre a tendência lusitanista de valorização da «essência prática» e a tendência para a «autopiedade» (ou «melancolia ingloria» de que fala a personagem João Carlos num outro romance, *Cortes*):

Esta palavra (“coitadinho”), ou antes esta pieguice, exprime a autopiedade dum povo desempregado desde vasco da Gama, chegado de novo ao inultrapassável Cabo Não.

(Faria, 1991: 164)

Exercendo mais recentemente uma “pressão libertária” ou tendo procurado um denominador cultural comum, analogamente aos esforços mais de intuito pedagógico de Robert Galisson com a sua lexicocultura ou vocabulário pertencente à C.C.P. (“*Charge Culturelle Partagée*”) que seria uma espécie de moeda de troca intercultural (cf. Galisson,1991) <sup>8</sup> ou de E. D. Hirsch com a noção de literacia cultural (cf. Hirsch, 1988), a “didáctica da portugalidade” na literatura reflecte esta tensão e, seja qual for a tendência para que se incline, reflecte também o forte elemento comunitário que é comum à leitura literária, conforme acentua Balz Engler:

The lonely activity of reading - the interaction between a text and an individual - leads us to ignore the strong communal element involved in selecting and experiencing works of literature.

(Engler, 1990: 73)

### Referências bibliográficas

#### Literatura primária:

Correia, Natália (2ª ed. 1991) *Erros meus, má fortuna, amor ardente...*, Lisboa: O Jornal (1ª ed. 1981)

Faria, Almeida (4ª ed.1991) *Cortes*, Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira. (1ª ed. 1978)

(6ª ed.1988) *Lusitânia*, Lisboa: Círculo de Leitores (1ª ed. 1980)

(3ª ed. 1987) *Cavaleiro andante*, Lisboa: Caminho (1ª ed. 1983)

(3ª ed. 1994) *O Conquistador*, Lisboa: Caminho (1ª ed. 1990)

Ferreira, José Gomes (1972) 4ª ed. *O mundo dos outros*, Lisboa: Portugália.

Lisboa, António Maria (1995) *Poesia*, Lisboa: Assírio e Alvim.

O`Neill, Alexandre (3ª ed. 1990: revista e aumentada) *Poesias Completas*, Lisboa: Imprensa Nacional (1ª ed. 1982)

Pessoa, Fernando (13ª ed. 1979) *Mensagem*, Lisboa: Ática.

(s/ed. 1981) *Poesias Inéditas*, Lisboa: Ática (1ª ed. 1978)

Régio, José (1941) *Fado*, Coimbra: Arménio Amado Ed.

---

<sup>8</sup> A natureza idealista deste empreendimento já foi notada por Rien Segers que, no entanto, lhe atribui um valor positivo: Another advantage of reserch within the domain of cultural and literary identity has an idealistic nature (Segers 1996: 205).

## Literatura Secundária:

Engler, Balz (1990) *Poetry and Community*, Tübingen: Stauffenburg.

Handler, Richard (1994) “Is “Identity” a useful cross-cultural concept?” in John Gillis (ed.), *Commemorations: The politics of national identity*. Princeton / New Jersey: Princeton University Press, p. 27-40.

Hirsch, Eric D. (1988) *Cultural Literacy: What every American needs to know*, Boston / Mass.: Houghton Mifflin.

Galisson, Robert (1991) *De la langue à la culture par les mots*. Paris: CLE International.

Lipiansky, Marc (1992) “Analyser le discours identitaire” in *Le Français Aujourd’hui*, n° 100 (Dez.), p. 71-77

Lourenço, Eduardo (1982) *O Labirinto da Saudade*, 2ª ed. Lisboa: D. Quixote.

Martins, J. Cândido (1996) “Surrealismo e interdiscursividade parodística: A ideia de Portugal” in Margarida L. Losa et al. (org.), *Literatura Comparada: os Novos Paradigmas*, Porto: Associação Portuguesa de Literatura Comparada, p. 91-97.

Mattoso, José et al. (1997) *Portugal. O sabor da terra*, Lisboa: Círculo de Leitores.

Pascoais, Teixeira (2ª ed. 1993) *A Arte de ser Português*, Lisboa: Assírio e Alvim (1ª ed. 1915)

Quadros, António (1989) *A ideia de Portugal na literatura portuguesa dos últimos 100 anos*. Lisboa: Fundação Lusíada.

Santos, Boaventura de Sousa (1994) *Pela mão de Alice*, Porto: Afrontamento.

Segers, Rien T. (1996) “Cultural and Literary Identity: Disease or Medicine?” in Harald Hendrix et al. (ed.s), *The Search for a New Alphabet*, Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, p. 202-207.

Segre, Cesare (1982) “Intertestuale-interdiscorsivo. Appunti per una fenomenologia delle fonti” in C. Di Girolamo e I. Paccagnella (ed.s), *La Parola Ritrovata*. Palermo: Sellerio ed., p. 15-28.